

Reg. 143

Publicações do Centro de Estudos Bahianos

- 1 — Capelas Antigas da Bahia — Profa. Anfrisia Santiago. **Esgotado.**
- 2 — O Primeiro Teatro do Brasil — (Docs. de 1733) — Affonso Ruy — **Esgotado.**
- 3 — Um discurso de Silvio Romero — José Calasans — **Esgotado**
- 4 — O Príncipe de Joinville no Brasil — Frederico Edelweiss. **Esgotado.**
- 5 — A Colônia Leopoldina (1858) — Hermann Neeser.
- 6 — O Cacau na Economia Brasileira — Frederico Edelweiss. **Esgotado.**
- 7 — O Cronista e a Crônica do Brasil — Alberto Silva.
- 8 — Um Depoimento Diplomático (correspondência do consul americano da Bahia — 1821 — 1823) Cid Teixeira.
- 9 — Amor de Príncipes (1843) — Affonso Ruy.
- 10 — O Processo dos Eclesiásticos da Inconfidência Mineira — Alberto Silva — **Esgotado.**
- 11 — Estadistas Baianos do Império — Affonso Ruy.
- 12 — Um Documento Inédito Sobre as Fortificações da Cidade do Salvador — Alberto Silva.
- 13 — Padroeiros da Cidade do Salvador — José Lima.
- 14 — A Guerra de Canudos na Poesia Popular — José Calasans. **Esgotado.**
- 15 — Sobre a Campa Brazonada no Convento do Carmo — Hermann Neeser.
- 16 — Um diário Inédito Sobre a Bahia — Alberto Silva.
- 17 — Construções Navais da Bahia no Século 17 — O Galeão "Nossa Senhora do Pópulo" — Luiz Monteiro da Costa.
- 18 — Contribuição ao estudo das Sesmarias — Waldemar Mattos.
- 19 — Contribuição ao estudo dos morgados em Portugal e no Brasil Cid Teixeira.
- 20 — O Forte que foi arrematado em hasta publica — Luiz Monteiro da Costa.
- 21 — Um agitador baiano: Cipriano José Barata — Affonso Ruy



Toda correspondencia deve ser dirigida ao Secretário Dr. Affonso Ruy, à Praça Almeida Couto n.º 9 — Salvador — Bahia

Centro de Estudos Bahianos

ANTONIO CARLOS BROCHADO PRINCIPE

Contribuição ao Estudo do
Ciclo de Festas Tradicionais
da Bahia

PUBLICAÇÃO

SALVADOR — BAHIA

22

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DO CICLO DE FESTAS TRADICIONAIS DA BAHIA

(Mês de Maria e Irezenas de Santo Antônio)

Antonio Carlos Brochado Príncipe

Desde que o Brasil começou a ser povoado pelo português, no século XVI, pode-se dizer que tiveram início as festas em louvor a Santo Antônio, de origem lusitana, padroeiro natural dos colonizadores, seus conterrâneos. E por séculos foi-se desenvolvendo o culto e as festividades numa tradição que a independência não diminuiu, nem a República extinguiu a festa realizada com a maior pompa.

E não só o povo proclamava as glórias do Taumaturgo, mas também a Camara tornava orago da Cadeia Pública enfeitava com as vestes da magnificencia official como se deprende da Vereação de 24 de Dezembro de 1692, que ficou declarado "que opalio que avia nesta Caza da Camara que servia para asprosiçõs eentradas dos governadores estava encapas para servir omenester asima declarado por cuja cauza ditos officiaes rezolverão elles ditos officiaes sefizesse outro das Rendas do Conselho aque aquelle velho se desse aSanto Antonio daCadea para delle selhefazer hu frontal de que necessitava o seu altar . . . "

Não ficaram aí as demonstrações da Vereação da Bahia ao Santo Franciscano. José Lima, em "Padroeiros da Cidade do Salvador, publicação 13, do Centro de Estudos Bahianos, nos diz: "Ainda querendo homenagear a Santo Antonio e dar-lhe poderes maiores, o Senado da Camara da Bahia resolveu assentar praça ao padroeiro eleito de Capitão Interrenio do Forte de Santo Antonio com o mesmo ordenado, melhormente soldo, que tinham os Capitães intermidos da Praça naquela época".

De fato, Santo Antonio sempre foi tido como o Padroeiro da Cidade do Salvador, tendo em vista o voto perpetuo que lhe fez o Senador da Camara em 1595 (1). No momento, porem, não vem à baila discutir tão importante assunto, pois vamos nos cingir, apenas, às festas populares ligadas ao Milagroso Santo Antonio de Lisboa ou de Pádua.

Não podemos, entretanto, deixar de nos referir, no presente trabalho, ao mês de Maria, que antecede à trezena de Santo Antonio, e que dado o seu brilhantismo, em tempos idos, marcou época nesta capital. À sua aproximação os preparativos eram intensos, tanto nos templos como nas residências ricas ou pobres.

As Imagens de Nossa Senhora e de Santo Antonio, nos meses de Maio e Junho eram colocadas em vistosos altares, feitos a capricho, que passavam por modificações diárias, conforme o gosto dos mordomos ou donos da noite, como ainda hoje se usa, porem sem a imponência de antigamente.

Nas Igrejas organizavam-se comissões de mocinhas e senhoras para a escolha do Mordomo, que iam pessoalmente convidar, ou então, enviavam cartas solicitando auxilio. A solicitação, na maioria das vezes, era em tom imperativo, e o escolhido aceitava a incumbência, pois era já um dever de honra, e somente em casos extremos deixava de atender à determinação. Vejamos, por exemplo, o teor de uma carta

“Respeitosos cumprimentos.

“Começará no proximo dia 1.º de Maio o abençoado Mês de Maria que em nossa Capela, será comemorado às 17 e meia horas com os costumados exercicios e benção do Santissimo Sacramento.

“E, para que tenham o maior brilho estas festividades traduzoras do nosso filial amor à Santissima Virgem, a abaixo assinada vem pedir um auxilio a V. S. designando-o como parainfo do dia (tal). Muito grata pelo êxito que, certamente, alcançará este apêlo, e invocando para V. S. e Exma. Familia as benções do Ceu.

“Subscrive-se agradecida.”

Verdadeira intimação, e ninguém se furtava a paranimfar uma noite, e às vezes o interesse era tal que duas ou tres familias tomavam a si o encargo de um dia.

1) — Orbe Serafico Frei Santa Maria Jaboaão.

Acontecia, porem, que cada qual procurava se salientar na ornamentação do altar e no oferecimento de iguarias aos presentes, na residência, após o ato religioso.

Era comum se dizer: e a noite de fulano é falada, pelo apri-morado gosto. E quanto gastava? Era para serviço de Deus, não importava o preço, pois Elle daria meios para novos dinheiros. O parainfo, entusiasmado, para o ano seguinte, se fosse escolhido, ainda fazia melhor. E os trinta e um dias do mês de Maio eram cheios de festas.

Nas Igrejas Matrizes e em algumas Capelas, o Mês de Maria ainda é hoje festejado sem, contudo, oferecer a imponencia de antigamente. Atualmente a festa é realizada com maior affluencia de fieis na Igreja de São Francisco, Basilica da Conceição da Praia, Igreja da Piedade, Matrizes de Santana, Saúde, Paço, Mares e Penha, e Capela da Barroquinha, sendo que na Matriz do Paço, em 1948, houve concorrida procissão. Nas residencias, com raras excessões, a festa fica restrita, exclusivamente, a ambiente familiar.

Na Capela da Barroquinha a devoção foi iniciada ha 50 anos pela finada Rita Ferreira, e quinze anos depois, com a sua morte, continuou a tradição, uma sua sobrinha de nome Belmira Ataide Ferreira, natural de São Felipe, nascida em 1870, zeladora da referida Igreja. A festa do Mês de Maria, que era levada a efeito na Sacristia, em 1948, por interferência dos Irmãos do Senhor dos Martirios, passou a ser feita na Capela Mor.

Desde que foi fundado em 1885, realiza-se o Mês de Maria no Colegio São Salvador, antigo Ginásio do mesmo nome, situado no solar do Berquo, á rua Visconde de Itaparica. A Familia Tourinho, para que houvesse maior brilhantismo, transferiu os atos, ha cerca de 10 anos, para a Igreja da Ajuda.

Na Torpedeira, actual Vila São Salvador, ao Sangradouro, d. Adélia Silva reza aparatoso Mês de Maria.

Um bellissimo Mês de Maria era organizado pelo saudoso funcionário municipal João Tavares da Silva, que chegou a construir uma linda capela contigua á sua residência, na Bela Vista de Brotas. Conhecido como o “Mês de Maria do Tavares”, era reputado como o melhor que já houve nesta terra, devido ao gosto e dedica-

ção do referido senhor. No último dia havia procição que percorria todo o bairro de Brotas.

Antes, porem, de darmos noticia das trezenas de Santo Antônio, que antecedem ao dia de São João, convem lembrar das procições que no inicio do século XVIII eram tomadas pelo então Vice-Rei. Ao que tudo indica, os fogos, no perimetro urbano, estavam prohibidos, conforme se deprende das portarias que se seguem. Fram ordens rigorosas, punidas com prisão. Vejamos:

"Portaria para o Mestre de Campo de Artilharia

"O Senhor mestre de campo de artilharia ordene que esta noite saia uma ronda de artilheiros com um official capaz de rondar por toda a praia com ordem para prender toda pessoa que achar pondo foguetes ou fazendo outra qualquer desinquietação. Bahia e junho de 22 de 1736. Rubrica".

"Portaria para o mestre de campo Pedro Gomes da Franca Corte Real.

"O senhor mestre de campo Pedro Gomes da Franca Corte Real mande sair hoje antes das Aves Marias duas rondas de palacio que ronde des as portas de São Bento até o Ferreiro (deve ser Terreiro) com ordem para prenderem a todas e quaisquer pessoas que acharem pondo foguetes ou fazendo outra qualquer desinquietação. Bahia e junho 23 de 1736. Rubrica".

"Portaria pra o sargento-mor Lourenço Monteiro.

"O sargento-mor Lourenço Monteiro passe logo as ordens necessarias para que hoje antes das Ave Marias saiam tres rondas do seu terço com officiais de confiança que rondem até a meia noite desde as portas de São Bento, e todo aquele bairro e tambem o da Palma e Desterro, ordenando-lhes que prendam a todas e quaisquer pessoas que acharem pondo foguetes ou fazendo outra qualquer desinquietação. Bahia e junho 23 de 1736. Rubrica".

"Portaria para o sargento-mor Francisco Xavier da Costa.

"O sargento-mor Francisco Xavier da Costa passe logo as ordens necessarias, para que hoje, antes das Ave Marias

saíam tres rondas do seu terço com officiais de confiança rondem até meia noite desde o Terreiro pela Cruz do Soléjo, rua da Praia, Alvo, Fonte dos Sapateiros, até Santo Antonio do Carmo, ordenando-lhes que prendam a todas e quaisquer pessoas que acharem pondo foguetes ou fazendo outra qualquer desinquietação. Bahia e junho 23 de 1736. Rubrica".

Vê-se, portanto, que as ordens eram drasticas. Não temos, no entanto, documentos que provem a prohibição de fogos em outros tempos, mas pelas portarias acima, verifica-se que no São João de 1736 quem soltasse fogos iria esbarrar na cadeia á disposição do Vice-Rei, que possuía poderes absolutos.

Fóra de duvida, que dentre as festas religiosas desta capital, a de maior atração e que em certo tempo empolgou a população bahiana, era a de Santo Antônio, com as suas afamadas trezenas. Do tempo do Brasil colônia, somente se destacava a procição de Santo Antônio de Argum era consequência de voto da Câmara, porem de festejos de caracter particular não se tem noticias. Mas é bem provavel que as trezenas fossem rezadas nas Igrejas e nas capelas senhoriais, e tambem nas habitações humildes. O Santo era Português e o povo era de Portugal.

A maioria dos devotos do Poverello de Padua reza de 1 a 13 de junho, outros de 11 a 23 para terminar na vespera de São João, outros de 12 a 24 de 17 a 29 e logo após a Independência, passaram a rezar de 20 a 2 de julho como tive oportunidade de investigar.

Não sabemos por que razão, Santo Antônio ficou considerado como Casamenteiro, daí a sua trezena empolgar moçoilas e rapazes ávidos em encontrar matrimônio.

As trezenas de Santo Antônio eram bem mais concorridas do que o Mês de Maria, e nelas empregavam e ainda empregam o mesmo sistema de se escolher mordomo ou parainfo para ser "dono da noite", como se diz. Era costume, e hoje em poucas casas ocorre, que após a reza os presentes passaram ao "arrasta pé", e é bem provavel aí se encontrar origem da pecha de Santo Antônio casamenteiro, pois durante a dança, o var maninha con-

versação bem discreta, surgindo o namorico, e finalmente o casamento.

Nas danças tomavam parte os membros da família, o dono da noite e seus convidados e amigos, e alguns "penetras" que conseguiram entrar na casa, e ao som do violão, cavaquinho, violino, e às vezes "cravo" ou piano tinha início a função que se prolongava até alta madrugada. Enquanto isso, na sala de jantar u'a mesa farta de doces, cangica, bolos, cúscús, e o genipapo para esquentar a turma. Uma garrafa do licôr saia furtivamente pela porta para o pessoal do "sereno". Na rua, em frente a casa, ardia uma enorme fogueira, que não se apagava até o dia de São João, e vale acrescentar, aqui, uma superstição, que no caso da fogueira desmoronar para a casa, naquele ano, alguém da família morreria. E todo cuidado era pouco, escondendo a mesma para fóra.

Não faltavam os balões, as bombas, os curiscos, enfim, uma infinidade de fogos, além dos foguetões que anunciavam o início da trezena, o oferecimento e o termino. Nas esquinas próximas, grupos de rapazes e até de moças se degladiavam numa especie de guerra soltando as celebres espadas e ronqueiras, verdadeiros "fecha rua".

Volando ao ambiente interior da casa, quando a festa estava no auge, os pares rodopiando a polca ou a mazurca, ou formando a quadrilha, alguém pedia a palavra, e então saudava a dona da casa, o dono da noite, e os presentes. Largava o verbo, no fim, palmas, e outros oradores sucediam áquêle. Eram dois, tres, quatro, e as vezes cinco a falar. O fáto de se pedir a palavra, não trazia enfado, era o chic da época. No fim, o brinde ao dono da casa, ao da noite. Voltava a dança para logo depois alguém recitava poesias. Não faltavam os cantores dotados de voz melodiosa que interpretavam as musicas sentimentais de então.

Como havia graça e beleza nas Trezenas de Santo Antônio em tempos que não vão longe!

Sendo Santo Antônio considerado popularmente de casamenteiro, e em tudo o que vale é a fé, pois até agua fria é remedio, as moças ansiosas por encontrar um par, faziam ardentes promessas e votos ao Taumatugo, colocando cartas aos pés da Imagem durante as treze noites. . . na esperança de sair do barracão".

E a propósito desses peditórios de casamento, vamos relembrar uma ocorrência que se verificou em 1936, na antiga rua do Gravatá, fáto este que foi largamente comentado, pois até a imprensa noticiou. U'a moça solicitou de Santo Antônio a graça de um noivo, e terminadas as treze noites da reza nenhum se habilitou áquela "rítia", não havia surgido o almejado eleito. Fula de raiva, e vendo as suas esperanças irem por agua abaixo, num impeto de furia, atirou a imagem á rua. . .

Outra, porem, foi mais feliz. Há anos, no Caminho de Areia, actual avenida Tiradentes, fáto semelhante ocorreu, mas a imagem ao envés de cair na calçada, foi de encontro a um jovem transeunte, que teve a cabeça ferida. A enfurecida moça, vendo o jovem com o rosto ensanguentado, correu e o trouxe para casa, onde tratou, e grato pelos cuidados recebidos, pois a moça se excedeu em dedicação, pediu-a em casamento e meses depois eram realizados os expensais. (2)

Santo Antônio tambem foi militar no exercicio brasileiro. Vejamos: no tempo do Brasil colônia, pela carta regia de 7 de abril de 1707, o governo português facultou praça de capitão, com o respectivo soldo, á imagem de Santo Antônio do Convento de São Francisco, da Bahia. Em 21 de março de 1711, confirma no posto de capitão a imagem de Santo Antônio do Rio de Janeiro; a de Goiaz, em 19 de novembro de 1750. Com o soldo de 480 mil reis annual, em 22 de fevereiro de 1784, é dado o posto de capitão á imagem de Santo Antônio de Ouro Preto.

Por decreto de 13 de setembro de 1810, D. João VI eleva o glorioso Santo Antônio que se venera na Cidade da Bahia ao posto de major de Infantaria, vencendo o soldo desta patente. A 25 de novembro de 1814, por outro decreto, D. João VI promove o glorioso Santo Antônio que se venera na cidade da Bahia, ao posto de Tenente Coronel com o respectivo soldo "a quem o povo da mesma cidade consagra a mais viva devoção". Tambem a imagem de Santo Antônio, recebia soldo, como capitão do Forte de Santo Antônio da Barra, por provisão de 16 de julho de 1705 por "ser o dito Santo o primeiro protetor desta Cidade".

Somente em 1911, quando ministro da Guerra Dantas Bar-

2) — Havia entre outros processos de petitério, amarrar Santo Antônio, afoga-lo em poço ou quartinha ou esconder o Deus Menino até a satisfação do milagre.

reto, é que foram consideradas sem efeito as patentes concedidas a todas as Imagens de Santo Antônio, no Brasil.

Tanto no Brasil, como em todos os países latinos, Santo Antônio tem lugar de destaque, muito especialmente em Portugal, onde o mesmo nasceu na cidade de Lisboa em 15 de agosto de 1195, falecendo em Pádua, a 13 de junho de 1231.

Contam-se aos milhares os milagres atribuídos a Santo Antônio, e por isso, todo o povo tem especial devoção para com o Santo Português que não falta nos momentos de maior aflição.

O seu responsório, rezado com fé, tem o efeito desejado, e assim o povo o reza:

Se milagres desejais
Recorrei a Santo Antônio
Vereis fugir o demônio
E as tentações infernais

Pela sua intercessão
Foge a peste, o erro, a morte
o fraco torna-se forte
E torna-se o doente são

Recupera-se o perdido
Rompe-se a dura prisão
E no auge do furacão
Cede o mar embravecido

Todos os males humanos
Se moderam, se retiram
Digam-nos os que viram
E digam-nos os paduanos.

Vamos, agora, falar das várias trezenas de Santo Antônio atualmente em relevo e das que fizeram época nesta capital, sendo que algumas ainda sobrevivem mas sem o brilho de antanho. Iniciamos com a Casa dos Meninos Pobres, futura Cidade dos Meninos, de Isidro França Monteiro, e de sua esposa, d. Durvalina Coridalis Ribeiro Gonçalves Monteiro. A referida instituição, com sede à ladeira da Saúde, 28, vem desde 1934 festejando Santo Antônio, com trezenas bastante concorridas. A todos que ali vão, é

dado um registro como lembrança, no qual se lê: "Quem dá aos pobres empresta a Deus. Desejas alguma graça? Vinde sem demora à Casa dos Meninos Pobres. Visita-me continuamente. Peça-me com fé. Dá-me um auxílio para o pão e educação dos meninos que tenho sob a minha guarda, afim de regenerá-los, que serás reconhecido alcançando a tua graça".

No dia 13 realiza o seu idealizador uma procissão com a Imagem, a qual percorre o bairro da Saúde com grande afluência de fiéis, constando a ocorrência de vários milagres patenteados por várias oferendas que pendem efetivamente, junto ao altar.

Das devoções que não mais são realizadas, e datam de mais de 20 anos, ficaram nos anais da vida social da cidade, a celebre trezena da viuva Aquilina Campos, que residia à rua do Saldanha n.º 3, bastante concorrida; o seu filho Sizinio Patrício Ribeiro de Campos, mais conhecido por "Tapuio", devido a sua cor acobrocada, era um dos animadores. Convidava uma infinidade de amigos e moças para as danças que se faziam após a reza. Empreitava seu concurso, animando a todos, o conhecido chapeleiro Raul Bomfim, atualmente estabelecido à ladeira do Taboão, e o seu primo Antonio Campos, comumente chamado de "Galo", sendo que este chefiava a charanga "Urubú Dandi" que saía de Itapagipe, por ocasião das festas populares do Bomfim. As filhas do "Tapuio", de nomes Beroca, Bebé, Perolina e Benedita, como exímias pianistas, não deixam o instrumento parado, sendo que a última ainda tocava bandolim. Manejava o arco do violino o saudoso Paulo Querino, filho mais novo do saudoso folclorista Manuel Querino.

Afamados também eram o Mês de Maria e as Trezenas de Santo Antônio da casa de Saturnino Cunha, ou Satú chapeleiro. Residia num amplo solar do bairro de Santo Antônio Alem do Carmo. De maio a junho sua residência era festa. No dia 31 de maio havia uma procissão com a Imagem da Virgem Maria, percorrendo as principais ruas locais, assim como no dia 13 de junho a Imagem de Santo Antonio seia em outra procissão, com desusado acompanhamento depois da missa festiva, que era celebrada na Igreja Matriz. Conta-se que, de certa feita, um dos mordomos, de nome Francisco Arquelau, teve uma forte rusga com Satú a respeito do altar da

sua noite, pois queria êle que o da vespera não fosse desmanchado. Assim é que, na sua noite, estavam dois altares, cujo fato causou comentários, o que não podia deixar de ser, foi um capricho. O capitão Paulo Dias, o despachante Alfeu Freire, o sr. Laurentino Floro do Bomfim e sua esposa, Paulina Espinheira do Bomfim, muito gastaram com a procissão.

O saudoso Alvaro Rui, considerando em sua época o maior boêmio da cidade, todos os anos patrocinava a Trezena de Raquel uma humilde gomadeira, com tres filhas espevitadas e casadoiras, que residia á antiga rua das Campêlas, no Distrito da Sé (3). Raquel passou á posteridade vivida na peça "Bleforé" de Affonso Ruy.

Tambem na residencia do poeta Alvaro Martins da Costa, alto funcionário da Alfandega, se fazia uma trezena brilhante e com todo aparato necessário. A tradição continuou até bem pouco.

Na residência de Honorata Costa, á rua Direita de Santo Antônio, fazia-se com a maior devoção a trezena. Depois Honorata mudou-se para a Cruz do Cosme, continuando com a festa, que se findou quando faleceu.

Tambem o Mês de Maria tinha o seu lugar. Havia na rua do Pau da Bandeira, na casa do extinto Otaciano Duarte, funcionário da Imprensa Oficial, afamado Santo Antônio, para o qual convergia a rapaziada da época, entre os quais Jones Duarte, Pequenito Barbalho, Chico Bandeira e Gilberto Santos.

Concorrido era o Santo Antônio de um sapateiro, de nome Aloisio, que morava na antiga rua da Assembléia 16, loja, conhecido como o Santo Antônio dos Homens, pois frequentavam-no, exclusivamente, pessoas do sexo masculino.

Na Quinta da Barra era falada a trezena da velha Fausta dos Santos.

Manuel Cabecinha, português estabelecido com armazens de secos e molhados á rua do Bispo, 6, organizava arrojadas festas de Santo Antônio, com bebidas e comidas durante as treze noites. Issc, aproximadamente, de 1910 e 1917, quando terminou com o seu negocio.

Outro Santo Antônio dos Homens é feito na Boa Viagem.

3) As trezenas de Raquel só começavam às 11 horas da noite afim de facilitar a presença dos componentes da Orquestra do Teatro São João que todas as noites compareciam acompanhando os benditos por todos 30 dias de festas.

todos os anos. Reunem-se varias pessoas, e ali, durante as treze noites, após a reza, seguem-se dansas.

O Santo Antonio Pequenininho, do sr. Américo, que residiu á Soledade, movimentava os moradores do bairro, devido o esplendor da festa. Para as dansas, era alugado o salão do solar de Pedro Bandeira, situado na Baixa da Soledade, cujo prédio vivia constantemente fechado, por ser considerado mal assombrado.

Ainda hoje Santo Antonio é festejado na casa de d. Pequena Ricardina Gomes — na rua do Pinga, 23, ao Rio de São Pedro.

Não existe, hoje, infelizmente, o brilho de outrora, mas, como se vê, continua a tradição.

Quando as pastelarias, armazens e cafes desta capital pertenciam, quasi que exclusivamente a portugueses, estes festejavam con-dignamente o Santo Antônio. Era afamada a festa de um Sardinha, estabelecido próximo á fonte de Santo Antônio, na esquina do Beco do Chinelo, genro do coronel Santos Marques, veterano da Guerra do Paraguai. Era comum, naquele tempo, os comerciantes portugueses distribuir genipapo e cangica aos fregueses, e fogos a meminada, e Sardinha não se esquecia dos seus amigos.

No Tororó, em várias casas, o Santo Antonio dava a nota, principalmente nas ruas do Futuro e da Mesquita, onde tambem o São João chegava ao auge. Ninguém se atrevia a transitar, á noite, por aqueles lados, pois a turma disputava os curiscos e busca pés, alem das fogueiras monstros. Sobressaiam os festejos levados a efeito na casa do Horacio Oliveira, alto funcionario do Estado, ora aposentado onde na noite de 23 de junho, alem do apetitoso genipapo e da saborosa cangica, eram servidos os tradicionais pratos bahianos. Fogos, destacando-se bombas quasi atômicas e ronqueiras eram queimadas no bairro, ficando o "quartel general" da festa no Futuro do Tororó 18, residencias dos Oliveiras. Ainda depois de calçadas a paralelepipedos as ruas do Tororó, o Horácio conseguiu queimar uma fogueira em frente a sua casa, armada sobre grossas folhas de zinco. Os valões tinham tambem, o seu lugar. Ao seu aparecimento, varias apostas eram feitas, ganhando aquele que primeiro visse, variando o pagamento em um "bolo" ou um "beijo". Muitos compradescos eram feitos nas noites de Santo Antonio e São João, pelo fogo das fogueiras, e muitas vezes, mais tarde, os com-

padres se tornavam marido e mulher. Eram assim, as festas de junho, no aprazível bairro do Tororó. Agora, apenas a tradição... alguns fogos, aqui e ali, lembrando os saudosos tempos. A família Oliveira mantendo a tradição do Taunaturgo de Lisboa continua a festejar juntamente com o corretor Carlos Ferreira Santos..

Há 35 anos é feito o Santo Antonio da Casa "A Decorativa", ao Terreiro, no prédio anexo à Igreja de São Domingos. A devoção foi iniciada em 1918, em homenagem ao padroeiro do estabelecimento, pelo popular politico e negociante João Firmo de Magalhães, falecido nesta capital a 8 de dezembro de 1935. Na ornamentação do rico e luxuoso altar, tomava parte ativa o seu irmão João Domingos de Magalhães. Nos anos de 1920, 1921 e 1922 foram contratados músicos e cantores, e o Santo Antonio foi "cantado", como se diz popularmente. Na rua, diversas quermesses e baracas foram armadas, tocando durante as treze noites uma banda de musica num coreto previamente montado. Nos anos acima aludidos, foram servidos lantos almoços no interior do estabelecimento aos convidados, destacando-se, inclusive, a presença de altas autoridades, e do próprio Governador. Do ano seguinte, até hoje, não foi mais "cantado"; é, entretanto, armado luxuosamente, para a visitação publica, com distribuição de lembranças e pães, sendo grande a afluência de fieis. Atualmente, no dia 13, é celebrada missa às 8 horas, na Igreja de São Domingos, assim como no dia 1.º em homenagem a João Magalhães.

Em 1924, foi o ultimo ano a ser "cantado" o Santo Antonio, de Gilú, no Matatú Grande, que datava de 1915.

Na rua Nova de São Bento, 24 residencia de d. Maria José de Souza, em 1933, o artista Aristoteles Almeida decorou um lindo altar para Santo Antonio.

Na Capela da Fazenda Engenho Velho, em Brotas, de propriedade da Família Reis Príncipe, ha mais de 100 anos, realizam-se animadas trezenas. É uma das devoções mais antigas desta capital.

A finada Mariazinha, residente á Caixa d'Água, fazia concorrido e pomposo Santo Antônio.

No prédio do Centro Operário. Eubina Pereira, faz animado Santo Antonio, desde 1932.

A Estrada da Liberdade, é para onde o povo afflue e afflue pois encontrava e ainda encontra uma infinidade de trezenas, todas com danças após a reza. Enumera-las é arduo e difficil, pois em toda a Estrada da Liberdade, o Santo Antônio tem, atualmente, o seu "quartel general". Além das trezenas comuns naquele populoso bairro ainda são feitas trezenas de Santo Antonio dos Homens, das Moças, das Meninas e dos Pobres, todas com bastante brilhantismo e animação.

Jiquié, florecente cidade do sudoeste bahiano, tem como padroeiro a Santo Antônio. Em 1946 foi inaugurada a Igreja Matriz tendo sido organizada um atraente programa de festas. Vale acrescentar uma estrofe que o povo de Jiquié canta, que é a seguinte:

Glorioso Santo Antonio
Ideal da nossa fé
Lá do vosso alto ceu
Protejei a Jiquié

Tambem em Alagoinhas o povo festeja condignamente o Mês de Maria, assim como a trezena de Santo Antonio. Dentre os devotos do Santo soberano, naquela cidade, figuravam Antonio Basílio, que residia á rua 15 de Novembro e o sr. Pedro Marques Carvalho, que morava a rua coronel Moreira Cesar, os quais se esforçavam pelo êxito das festas.

Ainda alcancei, na officina do "O Imparcial", á rua Ruy Barbosa, 3, a festa que os operarios daquele matutino faziam em louvor a Santo Antonio. Todos os anos, o Fernando Santos, que era o chefe das Officinas, tomava a si o encargo da festa e colhendo oblatas de todos os graficos, mandava ornamentar o altar. No dia 13, todos concorriam ainda com doces, bolos cangica, genipapo, comparecendo então o pessoal da redação, tendo a frente o saudoso jornalista Edgard Curvelo.

Relembro, tambem, o Santo Antonio que os irmãos Rui, Manoel e Adalfredo Silveira Cruz realizavam em sua residencia, ao Maciel de Cima, 13, com todo aparato e devoção, não faltando, no fim, animada festa dansante.

Nas trezenas dos chamados "canto da rua" a reza tinha um sabor agradável para os de fora. Aquela que se encarregava de tirar a Trezena ou o canto, matava o português e estropiava o latim, e ai daquele que fizesse qualquer critica, porque se não saisse por bem, sairia por mal. Era como a festa que um ricoço analfabeto realizava nos Dois Leões. As folhas tantas ja bem esquentado pelo genipapo, pedía ordem e respeito, usando, para tanto, de palavras de baixo calão.

Finalizando o presente trabalho sobre Mês de Maria e Trezenas de Santo Antonio de outros tempos, conven rememorar os nomes de alguns dos principais festeiros e devotos que tomavam parte ativa na função, alguns dos quais falecidos: Rocha e Aristides, pianistas popularissimos. Paulo Querino, falecido, exímio tocador de violino; João e Claudionor Vanderlei, falecidos, musicos; Alcebíades Pinheiro, ou "Pinheirinho", falecido, tocava violão; Corinto Gouveia; Cicero Nunes de Almeida, ou "Casquinha", compositor e tocador de violão, residindo atualmente no Rio de Janeiro; João Candido, tocava violino, residente em São Felix; Nicomedes, pistonista, ora em Ilheus; Antonio Limoeiro, tocador de bandolim e violão; Dodó Espadado tocador de violão; Arquimedes, flautista; João Caldas; Manezinho Cabeleleiro, tocador de violão que ora reside em Ilheus; Calmon, de Itapagipe, tocador de violão. Eulalio Matos, despachante aduaneiro, hoje já bem velho, possuía um caderno anotado com todos os Santo Antonios para guiar a si e aos amigos; Manoel de Souza Brito, falecido, tocava violão; Jacinto Marinho de Souza, ou Capitão Catarro, tanto comparcia as trezenas como festejava o Santo, e Guilherme Isidoro do Nascimento, que desaparecia no dia primeiro de junho e somente aparecia em casa depois do São João.